TOMO
Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais
Universidade Federal de Sergipe

AS CRIANÇAS DA FLORESTA: NA COTIDIANIDADE DA DOUTRINA DO SANTO DAIME[1]

Mara Rosane Coelho Teixeira[2]

Diante do desafio de escrever minha experiência de pesquisa com as crianças da floresta na Vila Céu do Mapiá é necessário retomar o contexto da floresta Amazônica.

Quando nos referimos à Amazônia, predomina o entendimento de algo muito grande, exuberante, folclore de muitas lendas, riqueza em sua biodiversidade. Concebemos, muitas vezes, apenas a paisagem natural e nos esquecemos de quem habita nesse espaço. Perceber a territorialidade da Amazônia implica considerar também as relações sociais que constroem e destroem; os conflitos; as contradições; a luta dos Povos da Floresta, expresso no movimento de resistência de caráter social, cultural e ecológico de Chico Mendes. Na Amazônia convivem índios, posseiros, ribeirinhos, caboclos, seringueiros, castanheiros. Isso significa reconhecer sua condição de sujeitos excluídos, que inventam

[1] Esse artigo tem como referência a Dissertação defendida no Curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, com o título: "EM RODA DOS MENINOS: Um estudo da visão de mundo construída pelas crianças da floresta, na cotidianidade da doutrina do Santo Daime, na Vila Céu do Mapiá/AM - 2003", sob a orientação da Professora Drª. Cristiana Tramonter.

[2] Professora do Curso de Pedagogia na modalidade à Distância, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Email: pmaracoelho@virtual.udesc.br

formas de sobrevivência, populações tradicionais que dependem da floresta para viver. Por outro lado, encontra-se a presença de grupos econômicos internacionais, latifundiários, com objetivo de domínio da natureza, implantação de grandes projetos de caráter científicos e muitos outros.

A floresta Amazônica tem colocado o Brasil no cenário internacional, frente ao mundo em crise ambiental. Recentemente, essas imagens apareceram na mídia, quando o Brasil participou do Fórum Econômico Mundial na Europa[3], com exposições do artesanato indígena, através da arte plumária, fotos da Amazônia, feitas por Arthur Omar e, ainda, esculturas de Franz Krajberg, que utiliza madeira encontrada depois das queimadas da floresta. Com isso,

> Poucos países no mundo têm tanta responsabilidade com a preservação das biodiversidades regionais quanto o Brasil. Por termos herdado grandes espaços físicos e ecológicos, de máxima riqueza em matéria de diversidade biológica, além do fato de termos podido manter, praticamente intactas, até a década de 60, nossas grandes florestas tropicais úmidas do Norte do país, temos o privilégio e o peso de uma herança que ultrapassa o nível de percepção de nossas elites políticas e dos tecnocratas (AB' SABER, 1996, p. 146 apud MORAIS, 2003, p. 08).

As relações sociais e de produção impostas para Amazônia estabelecem novas formas de organização, instituindo o novo e destruindo a natureza, as culturas e os modos singulares de vida. Em decorrência desse processo que ocorre com avanço do capitalismo, estabelecem-se na região mudanças significativas no espaço que os sujeitos ocupam, desterritorializando-os, e que acabam reterritorializados[4] a partir das necessidades impostas pela sobrevivência.

---

[3] O Fórum Econômico Mundial, a que me refiro, ocorreu em janeiro de 2004, em Davos, na Suíça.

[4] Nestor Garcia Canclini (2000, p.309) refere-se às tensões entre desterritorialização e reterritorialização como dois processos em que ocorre a perda natural da cultura com os territórios geográficos e sociais e, ao mesmo tempo, certas relocalizações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas.

As territorialidades são produzidas socialmente num determinado tempo e lugar. É necessário compreendê-las como resultado das difíceis condições de vida, como também da resistência para a construção de uma outra vida, que retrata o vivido de quem as constrói, as ocupações dos "grupos locais e internalizados na floresta, que criam espaços e movimentos sociais peculiares, ora resistindo, ora submetendo-se, ora equilibrando-se na rede Amazônica" (MORAIS, 2003, p. 09).

Falar em Amazônia é referir-se ao seu amplo espaço territorial e cultural, às sete fronteiras que limita entre os estados nacionais, à maior concentração de comunidades autóctones pertencentes a várias nações representadas com idiomas e culturas diferentes que ainda não adentraram no mundo das trocas do capitalismo tardio, mas sofrem os efeitos desse modo de produção, em que se processam muitas transformações que a configuram como fronteira.

É preciso compreender a fronteira Amazônica como possibilidade de reconstrução, que ocorre a partir da resistência. Por isso, surgem

> formas ideologicamente alternativas à ocupação e ao uso da terra pelo sistema mundo tardo capitalista. Ocupações não exterminatórias, não exploratórias e sustentáveis deste espaço ecológico parecem criar condições para o aparecimento de focos de resistência e forças anti-sistemáticas. É desse ponto que se percebe a constituição da Vila Céu do Mapiá, seu povo e sua inserção no contexto contemporâneo. (MORAIS, 2003, p.10)

A VILA CÉU DO MAPIÁ E A DOUTRINA DO SANTO DAIME

A Vila Céu do Mapiá foi fundada em janeiro de 1983, por um grupo de 60 famílias de colonos e seringueiros assentados em terras indicadas pelo INCRA, nas cabeceiras do igarapé Mapiá afluente, da margem esquerda do rio Purus, que corre suas águas em direção ao rio Solimões, com área aproximada de 37.000 hectares no município de Pauini – AM. Em julho de 1988, foi criada, por Decreto Presidencial,

a Floresta Nacional do Purus – FLONA[5] –, com aproximadamente 250 mil hectares, que passou a integrar uma Unidade de Conservação Federal[6].

Para se chegar à Vila Céu do Mapiá, é necessário ir até a capital do Estado do Acre, a cidade de Rio Branco, cujo percurso pode ser rodoviário ou aéreo. A cidade mais próxima da Vila é Boca do Acre no Amazonas, distante 208 km de Rio Branco, por estrada de terra. O acesso à Vila é percorrido por via fluvial, em pequenas canoas com motor de rabeta[7] ou botes de voadeira[8], subindo a leste no rio Purus e, a oeste, o igarapé Mapiá. No período das águas, o inverno na Amazônia, a viagem costuma ser de seis a doze horas e, na época da seca, pode durar de dois a três dias.

A Vila Céu do Mapiá ocupa a posição central da doutrina do Santo Daime – CEFLURIS (Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra) e do IDA (Instituto de Desenvolvimento Ambiental Raimundo Irineu Serra) – CEFLURIS/IDA. O fato de esta ser uma comunidade religiosa abre precedente para caracterizá-la como foco de resistência à estrutura social existente hoje no país.

A doutrina do Santo Daime pode ser definida como:

> Um movimento eclético de caráter espiritualista, na qual o grupo, utilizando-se dos conhecimentos acumulados gradativamente pela experiência do uso do Daime[9] constrói um caminho de autoconhecimento e de desenvolvimento espiritual (GROISMAN, 1991, p. 23).

---

5 FLONA, uma Floresta Nacional é, segundo a lei, "uma área com cobertura florestal de espécies predominantemente nativas e tem como objetivo básico o uso múltiplo sustentável dos recursos florestais e a pesquisa científica, com ênfase em métodos para a exploração sustentável de florestas nativas" (MORAIS, 2003, p.47).

6 Segundo Morais (2003, p.36), as Unidades de Conservação Nacionais são porções delimitadas do território nacional, especialmente protegidas por lei e pelo fato de conterem elementos naturais de importância ecológica ou ambiental. Na definição de uma área a ser protegida são observadas suas características naturais e estabelecidos os principais objetivos de conservação e o grau de restrição à intervenção antrópica. Esta área será, então, denominada segundo uma das categorias de Unidade de Conservação Nacional, prevista por lei. Com a lei número 9.985, de 1º de junho de 2000, o Governo Federal criou o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da natureza – SNUC –, que estabelece critérios e normas para a criação, implantação e gestão das unidades de conservação.

7 Motor de rabeta é uma adaptação encontrada para navegar nos igarapés amazônicos.

8 Voadeira é o nome utilizado para os motores de lancha que desenvolvem velocidade rápida.

9 O Daime é uma bebida preparada a partir de plantas de origem imemorial para uso ritualístico entre as populações que habitam a Floresta Amazônica e regiões vizinhas. O uso do Daime foi investigado por especialistas do Conselho Federal de Entorpecentes (CONFEN) e por uma comissão interministerial que visitou os Centros de Daime na região.

Uma outra abordagem o considera como uma "significativa manifestação de religiosidade popular da Amazônia" (COUTO, 1989, p. 12), uma religião da floresta. De toda forma do pensar na doutrina do Santo Daime significa compreender uma das correntes religiosas que fazem parte das tradições culturais da Amazônia, que se filia a duas correntes da região: "o vegetalismo amazônico e o antigo catolicismo popular" (LABATE, 2002, p. 234).

A TRAJETÓRIA DA PESQUISA

Minha pesquisa nasceu da experiência em trabalhar como professora nos anos de 1997 e 1988 na Escola Cruzeiro do Céu, na Vila Céu do Mapiá, no Estado do Amazonas. E por que fui me embrenhar na floresta? O que me atraiu para ser professora em uma escolinha no interior da Amazônia? O motivo maior que me moveu para tanto, juntamente com minha família, foi conhecer, vivenciar, celebrar as práticas ritualísticas da doutrina do Santo Daime, na qual estamos envolvidos na igreja de Florianópolis, desde 1989.

Meu trabalho diário na Escola Cruzeiro do Céu e a convivência como moradora, na Vila Céu do Mapiá, me levaram a observar as crianças que se encontravam inseridas numa comunidade religiosa encravada no seio da floresta Amazônica, cujo espaço social girava ao redor das brincadeiras da escola e das práticas ritualísticas chamadas "Trabalhos Espirituais".

Eu não sabia, nessa época, que essa doutrina, de alguma forma, estaria relacionada com a pesquisa que iria fazer, e seu recorte – as crianças. Optei por trabalhar com as crianças. Para tanto. "(...) falo das crianças como sujeito, como ser social situado no tempo e no espaço" (LEITE, 1996, p. 76). Como pesquisadora, as crianças a que faço referência não foram apenas objeto de investigação, mas as considero sujeitos com vida, repletas de peculiaridades, que partilham do universo cultural e simbólico do Santo Daime.

Na contemporaneidade, a infância torna-se um tema relevante, uma preocupação tanto no campo da pesquisa empírica, quanto para os estudos teóricos. Buscar entender a compreensão dos mundos da infância, das vidas das crianças, retirando-as da sua condição de invisibilidade, passou a ser uma necessidade para ressignificá-la em um novo conceito.

Diante desse novo conceito, os estudos da infância privilegiam que se fale das crianças a partir do ponto de vista delas, como profundas conhecedoras de seus mundos. Investigar as crianças sob a luz dessa abordagem é considerá-las como atores e parceiros, com suas próprias perspectivas quanto ao que é importante em sua vida, como a estruturam e também pelas atividades que desenvolvem. Uma pesquisa centrada na criança tem como aspecto relevante a ser levado em conta o compartilhar do mesmo mundo que as outras pessoas. Nessa condição, focalizo-as como seres sociais, como sujeitos concretos num tempo e lugar, mediados por relações culturais específicas e que possam dar visibilidade à alteridade da criança, num movimento de encontro com o outro.

Minha postura metodológica nessa investigação foi iluminada pela obra de José Sousa Martins (1993), quando pede que se dê a palavra à criança – a fala das crianças. O que pretendi foi dar espaço a elas, trazer em evidência a voz das próprias crianças, para compreender a visão de mundo que constroem na cotidianidade da doutrina do Santo Daime, na Vila Céu do Mapiá, na tentativa de estabelecer um diálogo com a teoria, como parte da trama textual.

O fato de tomar a bebida Santo Daime e participar de seus rituais possibilitaram penetrar mais a fundo nessa realidade pelos caminhos da sensibilidade e da intuição. Segundo a perspectiva anti-etnocêntrica de Roger Bastide (1979), o subjetivismo é considerado como verdadeira fonte de conhecimento, através da observação participante, promovendo uma relação sistêmica entre os diferentes elementos da vida social em estudo. Assim, cabe relativizar as diferenças como meta para conseguir aprimorar a humanidade.

O paradigma da complexidade traduzido no pensamento de Edgar Morin (2000, 2001b) desmistifica o dogmatismo científico e abre novas bases de reflexão acerca do fazer científico, do conhecimento para enfrentar a incerteza. Sustentado nesse pressuposto, cria-se um elo entre a subjetividade e a objetividade, como um movimento dinâmico de uma espiral, portanto, e processo recursivo, a cientificidade "(...) é a parte emersa de um grande iceberg profundo de não cientificidade" (SPINK, 2000, p. 104). Coloca-se o desafio de repensar o critério de verdade. Para tanto,

> (...) estou convencida de que a fecundidade dos debates, da conversação, não está em chegar a um consenso sobre o certo ou errado, mas está sim, na ampliação da nossa capacidade de admitir que a verdade é deste mundo e que todos os lugares são lugares de produção de verdade; está na flexibilização de nossa aceitação das diferenças, na abdicação do sonho das certezas, em nome da pluralidade e da tolerância (FLEURI; COSTA, 2001, p. 36).

O olhar etnográfico nessa pesquisa exigiu um processo metodológico de familiarização e estranhamento. Uma vez que estranhar o familiar é condição essencial para apreender aquilo que é diferente de mim e que pode me ensinar algo de novo, e tornar familiar o que é diferente para compreendê-lo. Isso significou, em relação às crianças da pesquisa, ter, ao mesmo tempo, um olhar consideravelmente próximo para entendê-las e consideravelmente distante para analisá-las.

A abordagem etnográfica, adotada no estudo que faço referência, considero apropriada, dada a complexidade do contexto e a teia de sentidos produzidas pelas crianças na cotidianidade da doutrina do Santo Daime, na qual a investigação se edificou e teve por orientação três aspectos relevantes, segundo Oliveira (2000), o olhar, o ouvir e o escrever.

A etnografia permite ao pesquisador considerar o campo como um espaço em movimento de múltiplas interações. Acompanhar o movimento das crianças na Vila Céu do Mapiá contou com dois elementos importantes na ida ao campo, o período escolar e os festejos juninos.

A pesquisa de campo foi realizada nos meses de maio e junho de 2003, nos diversos momentos de encontros com as crianças na Vila Céu do Mapiá. Esses momentos foram de visitas, caminhadas, passeios, banhos de igarapé, festas de aniversários, brincadeiras, idas à escola e os Trabalhos Espirituais, procurando entender o lugar das crianças, uma vez que, em tudo que acontecia na Vila, elas marcavam presença. Toda a movimentação das crianças foi acompanhada pelo método de pesquisa da observação participante e registrada no diário de campo, que foi o grande aliado no momento em que os dados foram rememorados e analisados para a textualização do trabalho.

As crianças, com suas diversas expressões, demarcaram a multiplicidade de sentidos contidos em suas falas. Trago os diálogos realizados nesse processo de movimentação das crianças e que denominei "conversas gravadas", mantendo a mesma estrutura de construção de frase e o vocabulário por elas utilizado.

O ENCONTRO COM A INFÂNCIA

Na atualidade, o tema da infância tem sido discutido amplamente, tanto no campo das ciências humanas e sociais como também no campo das políticas públicas. Isso indica o apreço da infância nessa sociedade. Todavia, nem sempre foi assim: "(...) as crianças são as grandes ausentes da história" (VINYOLES, 1986, p. 99 apud CORAZZA, 2002, p. 81). Com o advento da modernidade, nasce um sentimento novo de infância, ou seja, o reconhecimento das singularidades da infância.

> Desde que começa a viver tal experiência, nossa cultura não parará mais de falar do outro – infantil, que lhe é a um tempo interior e estranho, sua mesmidade e outricidade, seu igual e diferente, seu incessante Fort - Da: jogo de carretel que mostra a face do Mesmo - subjacente a tudo que somos, guardião do segredo mais profundo de nossa essência, de nossa definição e funcionamento, ao qual rogamos, insistentemente, atribuição de sentido decodificado e domínio; jogo de vai - e – vem, que traz o pequeno – outro, condenado à exclusão, do qual nos esforçamos por conjurar o perigo interior de devoramento, ao qual precisamos fechar, para lhe reduzir a perigosa alteridade e defini-lo para, perpetuamente, regulá-lo. Este não será nunca um outro qualquer, mas o próximo implicado por uma ambigüidade: a quem se constituirá como diferente, de quem se quererá sempre livrar, por ser próximo e, ao mesmo tempo, longínquo, por ser o mais familiar e o mais estranho, por não ser o mesmo e ser, no subterrâneo, nós mesmos (CORAZZA, 2000, p. 23).

A citação de Sandra Mara Corazza (2000), marca a profundidade do universo da infância e apresenta alguns conceitos que discuti em minha pesquisa e para tanto focalizei a criança como ser outro, numa relação de alteridade:

> O eu precisa e também é parte do outro, não pode construir-se nem como defesa nem contra o outro, porque a liberdade não pode ser exercida solitariamente (...), não é uma defesa nem um ataque, mas uma aprendizagem longa, comum e solidária. Estamos obrigados à relação com a alteridade, se desejarmos estar vivos, se desejarmos ser sujeitos (LARROSA; LARA, 1998, p. 164).

Isto significa pensar as crianças como sujeitos concretos, inseridos num tempo e lugar, mediados por relações culturais específicas. Para tanto, é olhar a criança moradora da Vila Céu do Mapiá que cotidianamente vivencia os Trabalhos Espirituais, as práticas ritualísticas da doutrina do Santo Daime, numa perspectiva da diferença que pressupõe levar em conta as singularidades presentes nesse contexto e a pluralidade de se constituir criança.

Para a criança, o brincar é o espaço de representação e de imaginação, "Criança que anda de carrossel, (...) Ela reina como fiel soberano sobre um mundo que lhe pertence", (BENJAMIN, 1984, p. 79), pois através do lúdico, da fantasia, ela participa das relações sociais do grupo, e esse movimento possibilita que ela se perceba como um ser no mundo, dado o caráter de universalidade presente na infância.

O que é ser criança? Qual o significado da infância? Faço a tentativa de refletir essas questões conceituais por meio dos vários momentos vivenciados com as crianças da pesquisa.

No primeiro dia de minha chegada a Vila Céu do Mapiá, fui fazer uma visita à família de Maria Estela e presenciei a seguinte cena registrada em meus apontamentos:

> **Diário de campo: 10 de maio de 2003**
> Estávamos conversando e, de repente caiu uma chuva torrencial, característica desse período do ano, o final do verão na Amazônia. Aqui, as casas costumam ter calhas grandes para armazenar a água da chuva. Nesse momento, um grupo de seis crianças, na idade de três a cinco anos, tiraram suas roupas e tomaram banho na calha da chuva. Sua mãe ficou chamando-as, mas retornaram para dentro de casa, de banho tomado, somente depois que a chuva passou.

A cena do banho das crianças demonstra os diversos elementos culturais e sociais que vão refletir no modo de ser criança e de viver a infância. Essas cenas e tantas outras foram silenciadas ao longo da história, não se tem notícias. Sabemos que as crianças estiveram sempre presentes no mundo, porém, "(...) ao mundo da infância só podemos ter acesso de maneira parcial e indireta, através das recordações, retratos e fantasias de quem já não era mais criança" (MCLAUGHLIN, 1995, p. 122 apud CORAZZA, 2002, p. 80). Os registros das crianças e da infância estão ausentes da historiografia, segundo Corazza (2002), da Antiguidade à Idade Média, por não existir a categoria que hoje conhecemos por infância, e também a figura social e cultural denominada "criança". Aos pequenos não era atribuída a significação subjetiva de suas experiências, nem realizadas as práticas de registros da história da infância.

O sentimento de infância aparece com base nos estudos de Charlot (1986), no século XVII, é quando começam a se interessar pela criança. Para Corazza (2002), não foram construídas práticas discursivas e não discursivas a respeito da infância e da criança, nos séculos XVIII, XIX e meados do século XX. Segundo essa autora, as crianças não foram sequer consideradas problemas.

A ausência de estudos do mundo infantil revela que a infância é um objeto recente de pesquisa. A contribuição mais relevante no campo da historiografia da vida cotidiana é atribuída a Philippe Ariès, pesquisador francês, apontado por Corazza (2002), na obra *L' enfant et la vie familiale sous l' Ancien Régime*. Com Philippe Ariès, inaugura-se um novo caminho na pesquisa acerca da recuperação histórica da infância, através do exame de pinturas, antigos testamentos, diários, inscrições encontradas nas igrejas e em túmulos. Cabe a ele o estabelecimento de categorias para trabalhar este novo objeto de estudo – a infância.

Os estudos de Ariès (1981) mostram que é típico das famílias do século XIX terem um planejamento de suas atividades com a criança no centro das mesmas e vem explicar historicamente a passagem da indiferença à centralidade da infância com base em dois argumentos. O primeiro relaciona-se ao processo de escolarização das crianças, e o segundo, à criação da família conjugal burguesa. O conceito de infância explicitado por Ariès (1981) assume uma característica de natureza moderna, uma

produção da modernidade, se contrapondo à não existência da infância nos séculos pré-modernos.

A modernidade vem consolidar uma nova ordem social e econômica e, com ela, instaurar o conceito de infância. A infância passa a ser focalizada como "(...) categoria social autônoma, analisável nas suas relações com a ação e a estrutura social" (SARMENTO, 1997, p. 10) Com esse mesmo enfoque, a concepção de infância para Arroyo (1994) é que ela não existe como uma categoria estática, mas como uma realidade em permanente construção. Nesta perspectiva, a infância se apresenta como categoria social, que se constitui no processo histórico dos diferentes grupos sociais, em conjunto com a construção de seus modos de compartilhar a realidade; sendo assim, "(...) as crianças não constituem nenhuma comunidade isolada, mas sim uma parte do povo e da classe de que provém" (BENJAMIN, 1984, p. 70).

É com base nas colocações de Sarmento que ser criança varia entre as sociedades, culturas e, mais especificamente, entre as comunidades, sendo para ele a infância:

> (...) uma categoria que se define pela idade, é muito mais do que um conceito criado para dar conta da totalidade das pessoas que ainda não completaram dezoito anos. Há fatores sociais específicos, isto é, transversais à posição de classe, ao gênero, à etnia ou à cultura, que permitem pensar a infância como uma construção social, que se distingue dos outros grupos e categorias sociais (SARMENTO, 1997, p. 22).

É importante considerar um conjunto de variáveis que contribuem para designar o que seja infância, juntamente com a posição social que ocupa, segundo a classe social, a etnia a que pertence, o gênero e as singularidades de cada cultura.

Telma Piacentini (1995) sinaliza que o mundo da criança está caracterizado por um significado de infância, atribui ao conceito de infância o caráter de universalidade. O sentimento de infância a que faz referência não está estabelecido na cronologia da vida, não segue nenhuma periodização fixada nos ciclos da natureza humana, embora esteja presente na cultura. A autora considera que a infância possui uma caracte-

rística universal, que ultrapassa as fronteiras do tempo e lugar, embora conserve características culturais específicas.

O trabalho de Pereira (1997) também discute o conceito de universalidade da infância com as crianças Xavantes, vivenciada em uma realidade com características sociais e culturais muito específicas. Ao longo se sua dissertação, a autora vai refletindo o conceito de universalidade, constatando que as crianças se expressam através do brincar, sendo o mesmo um componente fundamental do período que corresponde à infância em toda e qualquer sociedade, portanto:

> (...) o caráter lúdico com que a criança sempre age, como uma espécie de "denominador comum" às crianças de todo mundo, manifestando a sua universalidade através de infinitas peculiaridades, realizando e concretizando a sua essência na singularidade sócio-cultural de cada um dos povos (PEREIRA, 1997, p. 156).

Frente ao conceito de universalidade a infância é considerada característica intrínseca de si mesma. O mundo da criança encontra seu limite à medida que se aproxima do mundo do adulto, o que corresponde a uma "(...) consciência da particularidade infantil, essa particularidade infantil que distingue, essencialmente, a criança do adulto mesmo jovem" (ARIÈS s/d, p. 134 apud PIACENTINI, 1995, p. 01).

O modo de ser criança é caracterizado pelo desejo de brincar, vivenciar sonhos, gargalhadas, fantasias, idéias, mistérios, muitos dos quais incompreendidos pelo mundo dos adultos. A forma lúdica pela qual a criança experiencia a realidade vem traduzir o que chamamos de brincadeira, por ser uma atividade muito própria do mundo infantil.

Os registros aqui relatados deixam transparecer o que chamo de criação da criança, utilizando outros materiais em suas brincadeiras vivas e que não são caracterizados como brinquedos. Os materiais traduzem um determinado significado para a criança que brinca, e Benjamin, nas suas reflexões, fala de uma relação antinômica que a criança estabelece com os materiais:

> De um lado, o fato coloca-se assim: nada é mais adequado à criança do que irmanar em suas construções os materiais mais heterogêneos – pedras, plastilina, madeira, papel. Por outro lado, ninguém é mais sóbrio em relação aos materiais do que as crianças: um simples pedacinho de madeira, uma pinha ou uma pedrinha reúne em sua solidez, no monolitismo de sua matéria, uma exuberância das mais diferentes figuras (BENJAMIN, 1984, p. 69).

O conteúdo imaginário de certos objetos observados nas brincadeiras das crianças, como pedaço de madeira, galho de árvore, segundo Benjamin, dá para perceber que a "[...] terra está repleta dos mais incomparáveis objetos da atenção e da ação das crianças" (1984, p. 77) À medida que elas criam por meio da imaginação e da fantasia um mundo com uma lógica própria, muitas vezes não são percebidas pelo adulto.

> **Diário de campo: 27 de junho de 2003**
> Hoje encontrei dois meninos no caminho da mata. Parei meu trajeto para conversar com eles. Um dos meninos é Antônio, conhecido como Toinho morador da Vila, e outro é visitante e se chama Sol. Reparei que estavam com uma braçada de galhos de embaúba[10]. Perguntei para que queriam os galhos de embaúba, o que iam fazer com eles. Os meninos me disseram que era para fazer espadas, que iriam brincar de espada.

Nessa perspectiva, é através da brincadeira que a criança cria e vivencia situações, que muitas vezes não são possíveis de serem realizadas na vida real. Mas são executadas no processo da imaginação, em que sabiamente ela sabe utilizar o elemento da fantasia.

---

[10] A embaúba é uma árvore da mata, possui um galho liso em forma de haste, com uma enorme folha redonda na extremidade. Em outros momentos observei que as crianças utilizavam o galho com a folha como sombrinha, nas brincadeiras. No caso dos meninos, retiraram a folha para usar somente a haste.

O mundo infantil, manifestado na relação que estabelece com as brincadeiras, demonstra o caráter de universalidade[11], apontado por Piacentini (1995). Pensar o brincar com esse caráter universal é considerá-lo "(...) como algo intrinsecamente ligado à vida das crianças, não pode ser entendido desconectado delas" (PEREIRA, 1997, p. 46). Portanto, deve ser entendido como uma atividade presente na vida das crianças nos diversos grupos humanos, em diferentes momentos históricos e econômicos, situados num contexto sócio-cultural. Como toda a atividade do ser humano que não permanece estagnada no tempo e no espaço, o brincar também está em constante transformação e marca cada período histórico. A maneira como as crianças se relacionam com a brincadeira faz parte do modo como se sentem crianças, revela a necessidade de inter-relação com o outro, através da presença da afetividade, do companheirismo, do sentimento de prazer e de liberdade. Não se trata de considerar o brincar de ser apenas uma ação, mas da construção do conhecimento de si próprias e do mundo que as cerca. É no espaço da brincadeira que podemos perceber a relação da criança, porque

> (...) a brincadeira é o melhor instrumento para a satisfação das necessidades que vão surgindo do convívio com o mundo objetivo, que tenta conhecer e com o mundo social, com o qual se relaciona e, enquanto brinca, o conhecimento desse mundo se amplia (FANTIN, 2000, p. 75).

As falas das crianças trouxeram o banho de igarapé como a brincadeira preferida por elas. O menino Xavier, órfão de caboclos ribeirinhos,

---

[11] O caráter universal é mostrado também por Fantin (2000: 75), quando traz a contribuição de LIMA, Zélia V. Brincadeira é coisa séria. In: Revista Trino. Centro de Estudos da Escola da Vila, São Paulo, 1990. No qual a autora aborda que em pesquisas arqueológicas realizadas nas regiões onde se desenvolveram civilizações da Antigüidade foram encontrados piões, dados, bolas, bonecas e outros objetos – brinquedos no interior de túmulos em sepulturas de crianças. Com a morte da criança que lhe conferia significado, também findava a utilidade daqueles objetos. Assim, ultrapassando o limite do tempo, numa visão universal e ao mesmo tempo localizada, o brinquedo está unido por um sentimento que faz parte da infância e do ser criança, em murais, desenhos, esculturas e pinturas onde as diferentes gerações registraram os variados aspectos da vida cotidiana. Podemos observar a presença de brincadeiras e brinquedos como elementos que caracterizam o mundo da criança. Os indivíduos ali representados quase sempre revelam sua condição brincando ou segurando brinquedos.

vivenciou uma situação de extremo estado de subnutrição até dois anos. Após esse período, foi adotado por uma família da Vila Céu do Mapiá e define o banho de igarapé com o seguinte sentimento:

> A gente gosta de ficar só dentro da água, só dentro da água, só dentro da água!!! Se refrescando!!!. Não tem coisa melhor que a água, quando a gente tá com calor, mesmo assim, jogar bola não vai passar o calor, mas tomá banho de igarapé vai (Xavier, 09 anos).

Nas primeiras vezes em que estive na Vila Céu do Mapiá, verifiquei que a brincadeira predileta das crianças no recreio da Escola Cruzeiro do Céu era o banho de igarapé. Naquele momento circunstanciado por uma lógica de professora urbana, senti certo estranhamento por essa prática das crianças. A cultura de escola urbana na qual eu estava habituada a trabalhar passou ser referencial para julgar esse contexto diferente. Conhecer e compreender essa prática cultural das crianças a partir do contexto onde elas estão significa ter o olhar relativista da lógica do outro, no reconhecimento da diferença. Em campo, acompanhei a ida para o banho de igarapé da Classe de Alfabetização, juntamente com a professora Jacuí.

> **Diário de campo: 13 de maio de 2003**
>
> As crianças merendaram e, em seguida, saíram correndo em direção ao caminho que as leva ao porto da escola, o local mais apropriado para o banho nas imediações da escola. As crianças tiram suas roupas[12] e as colocam sobre uns troncos de árvores caídos e correm para a água, mergulham, nadam e se divertem. Quando a canoa passa no igarapé e forma ondas, as crianças vibram e jogam-se com mais entusiasmo na água. O banho é rápido, a professora vai chamando as crianças para se vestirem e retornarem à escola.

[12] É uma prática das crianças menores tirarem suas roupas para tomar banho de igarapé, ficando apenas com as roupas íntimas. O motivo que leva as crianças a tirarem a roupa para tomar banho é para que, quando saírem, colocar novamente a roupa, porém seca.

A complexa problemática que envolve a relação infância e trabalho está presente nas falas e no cotidiano das crianças moradoras da Vila Céu do Mapiá. O caráter dado ao trabalho realizado por essas crianças não se caracteriza pela lógica da exploração do trabalho infantil. Tratando-se de crianças provenientes de famílias populares amazonenses ribeirinhas, a ocupação das mesmas está associada às tarefas domésticas no âmbito familiar, que não chega a ser problema para o direito à infância, a criança, um sujeito de direito[13]. Aos olhos da pesquisadora, o fato de as crianças mapienses participarem da realização das tarefas domésticas é diverso do que presenciamos nas periferias dos centros urbanos e nas áreas rurais, onde propriamente encontramos a exploração do trabalho infantil, que ocorre por meio de funções formais nas pequenas indústrias e nas lavouras. Muitos dados estatísticos revelam o quadro alarmante sobre o trabalho de crianças no campo[14], a exploração do trabalho infantil.

As tarefas executadas pelas crianças mapienses são muito próximas às tarefas que as crianças Xavantes também realizam, segundo Pereira: "(...) o dia-a-dia vai se alternando entre algumas tarefas, que fazem sozinhas, ou nas quais ajudam, como por exemplo: lavar roupa e louça, tomar conta dos irmãos menores, dar-lhes banho, levar água para casa..."

---

[13] A primeira manifestação de caráter internacional em prol dos Direitos da Criança foi a Declaração de Genebra, em 1924. Um dos órgãos que vem divulgando os direitos das crianças em diferentes países é o Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF –, que foi criado em 11 de dezembro de 1946. A discussão em torno dos direitos das crianças foi concretizada por meio da Declaração dos Direitos da Criança, assinada no dia 20 de novembro de 1959, pela Organização das Nações Unidas – ONU. A Declaração dos Direitos da Criança pode ser encontrada no texto traduzido por Antônia Maria Zanete, "Os Direitos da Criança",1990, reúne os princípios, reconhecendo o valor da infância e tem por objetivo garantir que todas as crianças do mundo cresçam em condições humanas, protegidas, alimentadas, tendo acesso à educação, à saúde, etc. No Brasil a lei número 8.069 de 13 de julho de 1990, conhecida também por ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente - regulamenta os direitos da criança e do adolescente brasileiros e a eles juridicamente é assegurado a proteção integral. O ECA e a Constituição Federal de 1988 promoveram uma mudança de visão na maneira de ver e pensar a criança, ao romper com o Código de Menores, a legislação anterior.

[14] Sobre a exploração do trabalho infantil verificar, em: MARTINS, J. S. **O Massacre dos Inocentes: A criança sem infância no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1993.

(1997, p. 161). A participação das crianças Xavantes nas tarefas domésticas faz parte do processo de conhecimento prático que esse grupo social necessita para o desenvolvimento de sua maneira de ser, sendo "(...) uma das mais importantes maneiras de se ensinar e se aprender aquilo que é necessário saber do mundo Xavante, (...) desde que sua estrutura física permita fazer determinadas coisas, todas as crianças são envolvidas nessas atividades" (PEREIRA, 1997, p. 161).

As crianças da Vila Céu do Mapiá se envolvem em outros tipos de trabalho, que não são caracterizados como trabalho assalariado. A atividade doméstica, nessa comunidade, é considerada como trabalho e esse trabalho é familiar. Desde pequenas, as crianças ajudam seus pais nas atividades domésticas e nos serviços variados da unidade familiar.

> Às vezes passo pano, às vezes eu varro e às vezes eu lavo a louça (Radarane, 12 anos).
>
> Eu lavo roupa, lavo as louças, varro a casa (Bartira, 11 anos).
>
> Aí, nós vai lá pra nossa colônia planta caroço, caroço de abacate, laranja (Letícia, 08 anos).
>
> Todo mundo ajuda a fazer a horta, aí eu planto (Leidiane, 07anos).
>
> Eu rastelo o terreiro (Xavier, 09 anos).

O trabalho tem fundamental importância para a vida comunitária na Vila Céu do Mapiá e, para as crianças, ocorre quando desempenham suas tarefas domésticas, o que chega a ser uma espécie de compromisso ajudar as suas famílias. Nas falas das crianças, sobressai a valorização do trabalho motivado por um sentimento de interação com os familiares.

> Eu gosto de ficar ajudando minha mãe (Jetúlio, 09 anos).
>
> Pra ajudar minha mãe, porque ela faz o almoço e trabalha e eu tenho que ajudar ela (Aparecida, 11 anos).

Diário de campo: 04 de junho de 2003

Chegar até a casa de Daiana e Jetúlio, para dois irmãos que moram um pouco afastados da Vila é necessário fazer um percurso pela mata. O caminho é bastante difícil, segue-se por uma trilha, passa-se por uma ponte feita com o pau de uma grande árvore, margeando o igarapé. Quando cheguei no terreiro da casa e chamei pelas crianças, avistei-os atrás da casa, junto com sua mãe. Disseram-me que estavam construindo um galinheiro, porque as galinhas haviam fugido pra mata. Jetúlio martelava para ajudar na obra.

Ao longo da pesquisa, percebi, na forma de educar das famílias, o valor do trabalho; o trabalho como aprendizado de vida.

A relação entre brincar-trabalhar está presente na fala das crianças da Vila Céu do Mapiá. Nas atividades de trabalho perpassa o sentimento lúdico presente na infância por meio da brincadeira. Os registros seguintes focalizam como aparece de forma intensa a relação brincar-trabalhar[15], ambas constitutivas de um mesmo processo.

Diário de campo: 03 de junho de 2003

Combinei com Rosana para ir até sua casa à tarde. Ao chegar, a menina me convida para comer banana frita, que ela mesma tinha feito. A menina me diz que poderá conversar comigo somente depois que lavar a louça. Rosana passa com uma imensa bacia na cabeça, cheia de louças e panelas, segue em direção do igarapé para lavar a louça do almoço. A menina distribui a louça na escada que desce para o igarapé e... tichibum !!! Dá um mergulho! Jussara, sua prima, vem ajudar. As meninas lavam a louça e tomam banho. Radarane se junta ao grupo e também ajuda a lavar a louça. Deixam cair uma panela na água e todas mergulham para encontrar. Aviso que vou tirar fotos. Elas pedem que eu espere porque precisam mergulhar para arrumar os cabelos. Depois da louça lavada, com a bacia novamente na cabeça, Rosana vai até sua casa para deixar a louça e retorna à beira do igarapé, para realizarmos a conversa gravada.

[15] A relação brincar e trabalhar foi observada também em Arenhart (2003) e Pereira (1997). Arenhart pontua que as crianças transgridem o sentido puramente produtivo do trabalho e associam o caráter de brincar ao trabalhar. Pereira apresenta o brincar nas atividades domésticas do cotidiano e nas tarefas produtivas de que as crianças participam.

Durante a realização da conversa gravada com o grupo de meninas, indaguei a Rosana o que significava para ela lavar a louça no igarapé, se era uma brincadeira ou um trabalho, e ela me respondeu assim:

> Porque a gente toma banho, aí lava a louça de novo, daí toma mais banho e lava a louça, tem bastante água pra tomá banho e lavá a louça (Rosana, 09 anos).

Com isso, podemos observar através da fala de Rosana, que a criança constrói estratégias que garantam a ludicidade na relação que estabelece com o próprio trabalho, na lavação de louça, e passa a ter determinados significados e um sentimento de prazer. A lavagem de louças é também uma das atividades realizadas pelas crianças Xavantes, à beira do rio. Ângela Pereira (1997), nesse trabalho, relata que isso acontece várias vezes por dia e mostra o lúdico permeando essa atividade de trabalho:

> (...) enquanto lavam é freqüente que se distraiam com algo mais que esteja acontecendo na beira do rio, como o canto de um pássaro num galho próximo, com pedrinhas e folhinhas, com bolhas de sabão, com a marca dos copos na areia, com o barulhinho da correnteza, que encham e esvaziem com água e areia vezes sem conta alguns dos recipientes que estão lavando, e que verifiquem se flutuam (PEREIRA, 1997, p. 162).

Brincar e trabalhar são duas atividades absolutamente distintas e, por outro lado, as falas das crianças estão presentes num mesmo contexto. É verdade que a família mapiense conta com a participação das crianças nas atividades domésticas, dentro de suas possibilidades, e, para tanto, passa a existir um processo educativo em curso.

Criança - Eu fico ajudando meu pai e tomo banho de igarapé.
Pesquisadora - Em que você ajuda seu pai?
C - Brocar o campo, prender os gados, ir pro roçado.
P - Então você já trabalha?
C - Eu brinco e trabalho.
P - O trabalho que você faz com seu pai é importante para sua vida?
C - É, eu aprendo a prender os bois (Jetúlio, 09 anos).

As atividades de trabalho realizadas pelas crianças possibilitam várias interações que realizam em contato com a natureza (água, terra, animais, plantas) e na companhia dos adultos e das outras crianças. Nessas interações, as crianças ultrapassam o sentido exclusivo do trabalho como uma atividade produtiva e estabelecem um outro sentimento, associando o caráter de brincar ao trabalhar. As crianças moradoras da Vila Céu do Mapiá parece que compartilham a possibilidade de aliar o trabalho ao brincar, estruturando suas relações com a vida, com a produção familiar e não necessariamente para a reprodução da ordem social. O fato de as crianças participarem das tarefas domésticas não se caracteriza como exploração do trabalho infantil.

Ângela Pereira observou nas crianças Xavantes a existência também da relação lúdica na execução das tarefas domésticas: "(...) o brincar está presente até mesmo no desempenhar de tarefas da produção familiar" (1997, p. 156).

Entretanto, as crianças da pesquisa, apesar de se referirem quase sempre de forma positiva ao que se refere à realização de suas atividades de trabalho, deixam escapar que é necessário, às vezes, em primeiro lugar, executar as tarefas para depois brincar.

> Diário de campo: 11 de junho de 2003
> Dirijo-me à casa da Mariana, que fica um pouco afastada do centro da Vila. Quando desci a ladeira para cruzar o igarapezinho, deparei-me com ela. Mariana estava sentada em uma tábua, em forma de prancha, sobre o igarapezinho e, à sua frente, uma bacia com louças e panelas. Era bem cedinho, antes de 9 horas da manhã. Perguntei se era sempre assim que lavava a louça e respondeu que sim, sendo uma das responsabilidades na ajuda do serviço da casa. Então, sentei-me na tábua à frente de Mariana. Ela foi prosseguindo com a lavação da louça, e iniciamos a conversa gravada.
>
> **P** - Você disseste que uma de suas tarefas é lavar a louça. Faz isso todos os dias?
> **C** - Todo dia de manhã.
> **P** - Você acha que é muito trabalho pra você?

C - Não é muito não, mas é um pouco.

P - Você considera que atrapalha os seus estudos?

C - Não atrapalha os estudos, mas eu tenho que ajudar em casa. Daí, sempre quando eu quero brincar, eu lavo a louça, faço minhas tarefas primeiro para depois ir brincá.

P - Observei que as crianças ajudam nas tarefas domésticas aqui na Vila. Você acha que é bom ou ruim na sua vida?

C - Eu acho bom, né, mas eu não sei como que vai ser no futuro, se vai mudar ou se vai ficar desse jeito (Mariana, 12 anos).

O diálogo com Mariana me fez refletir quando afirma que hoje, para ela, "é bom" ajudar nas tarefas domésticas, porém, no futuro não sabe o que vai acontecer, "se vai mudar ou se vai ficar desse jeito". Quanto a isso, será que ocorrerão outras perspectivas na vida de Mariana? Expressou também o seu desejo em dar continuidade aos estudos. Ou será que condições sócio-econômicas da Vila Céu do Mapiá vão continuar exigindo que a menina lave a louça à beira do igarapezinho?[16]

O trabalho esteve sempre presente na fala das crianças, sujeitos dessa pesquisa, sempre ligado ao o objetivo de ajudar a mãe, o pai, a madrinha. As atividades domésticas realizadas pelas crianças apresentam-se inseridas no dia-a-dia do seu núcleo familiar e também estão relacionadas com o brincar.

O EXERCÍCIO DE ALTERIDADE NO ENCONTRO COM A CRIANÇA

O encontro pode romper barreiras, colocar à vista outras impressões que não são percebidas. Da experiência de encontros com as crianças mapienses emergiram novos olhares, a infância como forma de aproximação e reconhecimento do outro. No encontro com a criança, exercitar a

[16] A não existência de energia elétrica traz uma série de dificuldades na realização dos trabalhos domésticos. Para as famílias terem água encanada em casa, o custo é alto, é feito através de moto - bombas e geradores que utilizam óleo diesel como combustível, poucas são as que possuem equipamentos de bomba solar para realizar essa atividade. Sem opções, muitas famílias são obrigadas a utilizarem a beira do igarapé para a lavagem de louça e roupa, o banho e outras necessidades.

alteridade exige um processo de sensibilização para enfrentar o desafio que leva para além de nós mesmos, resultando no contato com o diferente, o encontro com o outro. Nesse sentido, não seria uma imagem da infância, mas "(...) uma imagem a partir do encontro com a infância" (LAROSSA, 2001, p. 197). O encontro com a infância à inusitada companhia das crianças da Vila Céu do Mapiá revelou múltiplas imagens ao tentar compreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que elas atribuem ao cotidiano que vivenciam e as experiências que partilham nesse contexto.

Pensar na alteridade remete a um conceito de infância que focaliza a criança como outro, significa dizer o quanto é importante se pensar a prática do encontro. No encontro com as meninas mapienses, quando escolhem um hino preferido da doutrina para cantar, deixam transparecer valores que estruturam suas vidas. Cabe aqui uma atitude de alteridade olhar as meninas pela perspectiva da diferença, levando em conta as especificidades que vivenciam. A seguir, transcrevo o hino[17] a que elas se referem e que pertence à adepta Antônia.

Eu quero ser uma filha de vós,
Quero seguir sempre o meu caminho.
Quero viver sempre alegre e contente,
Sempre cantando como um passarinho.

Eu vou seguindo a minha estrada,
Continuando a minha caminhada.
Na companhia de minha mãezinha.
Eu sou uma filha abençoada.

Eu passei umas provas difíceis
Mas eu sempre vivo com o meu Mestre.
Mas como não sou filha à toa,
Eu recebi umas notas boas.

[17] O hino é uma mensagem musical onde estão contidos os ensinamentos religiosos e de postura comportamental para os adeptos da doutrina, para obter uma discussão mais relevante consultar: TEIXEIRA (2004), GROISMAN (1991), COUTO (1989), LABATE e ARAUJO (2002).

O meu Mestre eu tenho que dizer
Que eu pensei que ia morrer.
Mas agora eu compreendi
Que é morrer pra poder renascer.

As meninas, ao terminarem de cantar o hino, formalizam comentários a respeito do mesmo, contemplando em suas falas expressões típicas do universo da doutrina do Santo Daime, reveladoras de sentidos e significados singulares, enraizada no contexto social e cultural de que as crianças partilham. No encontro com as meninas, "(...) encontramos verdadeiramente algum outro" (LARROSA, 2001, p. 189).

P - Esse hino que mensagem traz para você, Rosana?
C - Eu gosto muito dele, ele tem uma parte bem legal que é Eu passei umas provas difíceis, Mas eu vivo sempre com meu Mestre, Mas como não sou filha à toa, Eu recebi umas notas boas.
P - E o que quer dizer não ser filha à toa?
C - Não é à toa que deve ser no mundo, vive em casa ajudando os pais.
P - E qual a parte do hino que mais gosta, Jussara?
C - Eu gosto do pedaço Que é morrer para poder renascer.
P - E o que significa morrer para poder renascer?
C - Porque a gente morre e sobe pro astral.
P - Você gosta desse hino também Rada?
C - Eu gosto da parte Sou uma filha de vós.
P - E o que significa para você?
C - Que ela é uma filha de vós, filha da mãe do céu.
(Rosana, 09 anos; Jussara,07 anos; Radarane, 12 anos)

A concepção de alteridade que Larrosa indica se faz presente quando "(...) encontramos verdadeiramente algum outro" (2001, p. 189), a necessidade de se conhecer o outro como possibilidade de construção de relacionamento e não enquanto imposição de valores.

A alteridade da infância para Larrosa (2001), traz à tona a necessária presença do outro num movimento de encontro, deixar-se invadir pelo olhar do outro, conhecer os outros é uma forma de conhecermos a nós

próprios. Realizar o diálogo entre a "(...) heterogeneidade de olhares" (SOUZA, 2002, p. 125) produz uma nova significação da diferença cultural como estabelecimento de inter-relações, de reciprocidade de nossa vida adulta com a infância.

A infância, na sua alteridade, por si só é portadora de uma verdade presente no mundo da criança, diante da qual devemos nos colocar numa posição de escuta. A criança é o outro que não pode ser submetido às nossas imposições, mas devemos considerar a sua experiência como aprendizado na construção da autonomia. Para Larrosa, a experiência da criança como outro exige a atenção à presença enigmática da infância, que se traduz como "(...) um encontro com o estranho e com o desconhecido, o qual não se pode ser reconhecido nem apropriado" (2001, p. 197). O reconhecimento e apropriação produzem imagens da infância, caracterizando uma verdade positiva; por outro lado, é a experiência do encontro que contém a "(...) verdade inquieta e tremulante de uma aproximação singular ao enigma" (LARROSA, 2003, p. 197). Afirma ainda o autor a importância de devolver à infância o seu caráter enigmático e que cabe aos adultos a responsabilidade pela resposta à exigência que esse enigma traz consigo.

É importante perceber a infância e as crianças que compõem essa categoria social de maneira diversa e instável. Ainda para Larrosa:

> Assim a alteridade da infância não significa que as crianças ainda resistam a serem plenamente capturáveis por nossos saberes, nossas práticas e nossas instituições; nem sequer significa que essa aproximação talvez nunca poderá realizar-se completamente. A alteridade da infância é algo muito mais radical: nada mais, nada menos que sua absoluta heterogeneidade em relação a nós e ao nosso mundo, sua absoluta diferença. E se a presença enigmática da infância é a presença de algo radical e irredutível outro, ter-se-á de pensá-la na medida em que sempre nos escapa: na medida em que inquieta o que sabemos (e inquieta a soberba da nossa vontade de saber), na medida em que suspende o que podemos (e a arrogância da nossa vontade de poder) e na medida em que coloca em questão os lugares que construímos para ela e a presunção da nossa vontade de abarcá-la. (2003, p. 185)

A pesquisa teve como desafio tomar as crianças enquanto outro, como aborda Larrosa e Lara: "(...) a imagem do outro não como a imagem que olhamos, mas como a imagem que nos olha e que nos interpela" (1998, p.08); mas a capacidade de criar o prazer da aventura do conhecer como processo em ver e sentir o outro. Do sentir como uma condição necessária na maneira de me ver relacionar com o outro e na percepção da realidade em que a criança mapiense está inserida.

Dessa forma, para considerar a criança moradora da Vila Céu do Mapiá na perspectiva do outro é necessário que se agregue o conceito de cultura, que traz consigo os significados locais vivenciados no cotidiano da doutrina do Santo Daime. Lidar com as diferenças possibilita a abertura para o desconhecido, compreender o encontro com as diferentes culturas. "Cultura é produto e processo. Comunidades diferentes, culturas diferentes, compreensões de mundo diferentes... isto é multiplicidade" (LEITE, 2003, p. 91). Pensar e dialogar com o outro, com as crianças da pesquisa, exige uma reflexão do contexto cultural do qual fazem parte. Assim, é necessário utilizar uma definição de cultura que possa subsidiar essa interpretação.

É importante salientar que a cultura é uma condição primordial para a existência humana. Dessa maneira, o ser humano nasce no contexto de uma cultura, que passa a ser referência ao longo de sua vida, possibilitando-lhe a agir em sua realidade. Nesse sentido, "(...) existe em cada cultura um capital específico de crenças, idéias, valores, mitos e, particularmente, aqueles que unem uma comunidade singular a seus ancestrais, suas tradições, seus mortos" (MORIN, 2001a, p. 56) A cultura nessa perspectiva pode ser entendida como "(...) um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida" (GEERTZ, 1989, p. 103), apresentando-se como uma dinâmica viva, dando significado e orientação às experiências da vida cotidiana.

Sendo assim, o ser humano experiencia, na sua vida cotidiana, os símbolos para orientar a construção dos acontecimentos e também para a sua orientação pessoal. Necessita ter a referência de padrões culturais expressos em sistemas organizados de símbolos, para guiar seu compor-

tamento e sua experiência. Com isso, verifica-se que os grupos humanos desenvolvem padrões culturais que possibilitam sua existência na sociedade. Pode-se observar a existência de uma infinidade de padrões culturais, denominado por Geertz de teias de significações, compreendendo a cultura como "teias de significados [...], sendo essas teias e a sua análise, portanto, não uma ciência experimental em busca de leis, mas como ciência interpretativa, à procura de significado" (1989, p.15), que expressa uma forma de ver, sentir, de relacionar-se com a vida e com o mundo. Portanto, segundo Geertz (1989), conceituar cultura é perceber os significados das ações humanas.

Diante da diversidade de padrões culturais, Geertz (1989) considera que a compreensão do ser humano pode ser encontrada nas singularidades culturais dos povos. E a Vila Céu do Mapiá é um espaço onde a singularidade está presente em sua doutrina religiosa, profundamente enraizada com a floresta Amazônica, demonstrando uma significativa manifestação de religiosidade popular do nosso país. Nesse contexto, as crianças participam da vida cotidiana da doutrina do Santo Daime em seus diversos trabalhos ritualísticos, e o registro a seguir explicita essa singularidade cultural ao vê-las como o outro.

> **Diário de campo, 12 de junho de 2003**
>
> Nessa data é cantado na igreja da Vila Céu do Mapiá, à noite, o hinário de Dona Maria Brilhante[18], para comemorar o dia de Santo Antônio. Por volta das 18 horas me dirijo à igreja e observo os moradores vindos de diversos rumos, vestidos com sua farda de festa. Muitas crianças chegam para o hinário, as meninas menores com seus vestidos de tecidos leves, os meninos também se apresentam com suas roupas de festas. Já as crianças maiores estão vestidas com sua farda branca. Um dos membros responsáveis pela doutrina faz abertura do trabalho e as crianças se

[18] Maria Brilhante é uma veterana da doutrina: começou a tomar Daime com Mestre Irineu Serra e acompanhou o movimento do Padrinho Sebastião. Hoje reside na Vila Céu do Mapiá. Maiores informações sobre o processo de constituição da doutrina do Santo Daime consultar: COUTO (1989), GROISMAN (1991), LABATE e ARAÚJO (2002), TEIXEIRA (2003).

> dirigem, muitas delas com seus pais, para tomar o Santo Daime. Inicia-se propriamente o hinário com o canto e o bailado. As crianças se movimentam pela igreja, correm de um lado para outro, enquanto as maiores permanecem nos seus lugares no bailado, de acordo com as normas de ritual.

No registro anterior, pôde-se perceber as crianças envolvidas no contexto cultural e simbólico da doutrina do Santo Daime. A cena relatada também revela a movimentação das crianças na participação da vida social desse grupo.

Para finalizar esse artigo que procurou refletir historicamente a concepção de infância e criança imbricada na realidade analisada na Vila Céu do Mapiá, quero deixar claro algumas escolhas realizadas. As contribuições teóricas pautadas nos autores que contemplam os avanços na maneira de conceber essa temática da infância como categoria social e a criança como sujeito da história, produtora de cultura, capaz de aprender, conhecer, constituir-se como um ser pertencente a um determinado grupo.

As crianças da Vila Céu do Mapiá compartilham com os demais membros da comunidade um contexto religioso. Com isso, a fala de cada criança "(...) é claramente fragmento de um enredo mais amplo, que ela protagoniza com os outros" (Martins, 1993, p.58). Quando trouxe nessa investigação a voz das crianças, as apresentei como autoras de suas falas, que revelaram em muitos momentos o que pensam, sentem e imaginam da vida e do mundo, portanto, não foram mantidas no anonimato. Para além da concepção de considerar as crianças apenas objeto de pesquisa, o marco teórico metodológico que orientou esse estudo se sustentou em referendá-las como sujeitos e autoras. Dessa maneira, optei em manter os verdadeiros nomes das crianças, tendo como pressuposto central as suas reais condições de existência, a partir das experiências que vivenciam no espaço das brincadeiras, na construção dos saberes e nas práticas religiosas evidenciando a sua visão de mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENHART, Deise. **A mística, a luta e o trabalho na vida das crianças do assentamento Conquista na Fronteira:** significações e produções infantis. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. UFSC: Florianópolis, 2003.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família.** Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **O Significado da Infância.** Anais do I Simpósio Nacional de Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF/DPE/COEDI, 1994.

BASTIDE, Roger. **Sociologia.** São Paulo: Ática, 1979.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões:** a Criança, o Brinquedo, a Educação. São Paulo: Sumus, 1984.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas.** São Paulo: EDUSP, 2000.

CHARLOT, Bernard. **A Mistificação Pedagógica:** realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

CORAZZA, Sandra Mara. **Infância e Educação:** Era uma vez... Quer que conte outra vez? Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. **História da Infância Sem Fim.** Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

COUTO, Fernando La Roque. **"Santos e Xamãs".** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade de Brasília – UnB, 1989.

FANTIN, Mônica. **No Mundo da Brincadeira.** Jogo, Brinquedo e Cultura na Educação Infantil. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FLEURI, Reinaldo Matias e COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Travessia:** questões e perspectivas emergentes na pesquisa em educação popular. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LCT Editora, 1989.

GROISMAN, Alberto. **Eu venho da Floresta:** Ecletismo e Práxis Xamânica Daimista no Céu do Mapiá. Dissertação de Mestrado ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. UFSC: Florianópolis, 1991.

LABATE, Beatriz Caiuby e ARAÚJO, Wladimir Sena. (Org.) **O Uso Ritual da Ayahuasca.** Campinas, São Paulo: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2002.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana.** Danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LARROSA, Jorge e LARA, Nuria Pérez. (Orgs.) **Imagens do Outro.** Petrópolis: Vozes, 1998.

LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira. **O que falam de escola e saber as crianças da área rural?** In: KRAMER, Sonia. LEITE, Maria Isabel. Infância: Fios e Desafios da Pesquisa. Campinas, SP: Papirus,1996.

MARTINS, José de Souza. **O Massacre dos Inocentes.** A criança sem infância no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1993.

MORAIS, Anaruez Ferreira. **O Ethos Social e o Futuro na Vila Céu do Mapiá, Amazonas, Brasil**. Exame de Qualificação do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social, nível de doutorado da Universidade de São Paulo.USP: São Paulo, outubro de 2003.

MORIN, Edgar. **Saberes Globais e Saberes Locais:** o olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

_____. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001a.

_____. **A Cabeça Bem-Feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001b.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 2000.

PEREIRA, Ângela Maria Nunes Machado. **A sociedade das crianças A UWE-XAVANTE, por uma antropologia da criança**. Dissertação de Mestrado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Antropologia. Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 1997.

PIACENTINI, Telma Anita. **Fragmentos de Imagens de Infância**.Tese apresentada a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 1995.

SARMENTO, Manuel Jacinto. PINTO, Manuel. **As crianças e a Infância: definindo conceitos, delimitando o campo**. In: PINTO, Manuel. SARMENTO. Manuel Jacinto. As Crianças Contextos e Identidades. Portugal: Universidade do Minho. Centro de Estudos da Criança. Editora Bezerra, 1997.

SOUZA, Maria Izabel Porto de. **Construtores de Pontes:** explorando limiares de experiência em educação intercultural. Dissertação de mestrado ao Programa de Pós Graduação em Educação. UFSC: Florianópolis, 2002.

SPINK, Mary Jane P. (Org.) **Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano:** aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 2000.

TEIXEIRA, Mara Rosane Coelho. **EM RODA DOS MENINOS:** Um estudo da visão de mundo construída pelas crianças da floresta, na cotidianidade da doutrina do Santo Daime, na Vila Céu do Mapiá /AM – 2003. Dissertação de Mestrado ao Programa de Pós Graduação em Educação. UFSC: Florianópolis, 2004.